

O TEMA DA ANUNCIAÇÃO EM ORÍGENES E EM MANUEL BANDEIRA

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)
luccarpinetti@oi.com.br

RESUMO

Estudaremos o delicado tema da Anunciação, encontrado no Evangelho de São Lucas, no tratamento que lhe dão Orígenes, em suas “Homilias sobre São Lucas”, e Manuel Bandeira no poema “Eu vi uma rosa”. Buscaremos, nas definições do gênero lírico e nas relações intertextuais, o suporte teórico para tratar esse tema tão caro à figura de Maria na literatura do Ocidente, considerando-se estes dois exímios observadores da beleza de tão singular momento da história humana sobre a terra. Em Orígenes, vemos uma preocupação em descrever a reação emocional de Maria perante a aparição do anjo e de sua saudação. Em Manuel Bandeira, assistimos a uma evocação indireta da cena da Anunciação, na contemplação de uma rosa.

Palavras-chave: Anunciação. Maria. Homilia. Poesia lírica.

1. Introdução

Abundantemente representado na pintura, escultura, música e literatura, e, por extensão, no teatro e no cinema, a cena da Anunciação do anjo Gabriel a Maria encontra larga repercussão na história cultural e religiosa do Ocidente, em razão inversamente proporcional ao tempo em que este fato se manteve em segredo por parte de Maria e de seu esposo José, bem como de Jesus Cristo. Foi depois, a um companheiro de São Paulo, Lucanus, que conhecemos por Lucas, que Maria

confiou o segredo da geração de Jesus. Especialmente a ele, pois, dentre os evangelistas, a narrativa de São Lucas é a que representa esse momento de modo mais característico de como este evento aparece representado nas diversas artes mencionadas acima.

Diferentemente do Evangelho segundo São Lucas, São Mateus relata o evento a partir do ponto de vista de José, futuro esposo de Maria, a quem se apresentava a dúvida se deveria acolher ou não Maria, que se achava, por uma misteriosa causa, grávida a partir da ação do Espírito Santo. O anjo apareceu a José em sonho, e disse-lhe:

José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados. (Mt. 1, 20-21)

Mais adiante, no capítulo 13, versículo 55-57, São Mateus nos traz a seguinte referência acerca de Jesus:

Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não vivem todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas? E se escandalizavam dele...

Para São Mateus, a origem de Jesus é dada a conhecer de modo um tanto parcial, como para todos os galileus e judeus, que o conheciam como filho de Maria e de José. A bem da verdade, fica patente em São Mateus a paternidade de Jesus atribuída a José como adotiva, reconhecendo este evangelista que Jesus fora gerado em Maria por obra e ação do Espírito Santo, não adiantando e não revelando mais nada acerca da origem de Jesus, senão que este era filho de Maria e de José.

Não se achando nada sobre a geração de Jesus no Evangelho de São Marcos e de São João, é plausível que Maria tenha reservado o segredo da geração e da cena da Anunciação ao conhecimento de São Lucas, em cujo texto desvela-se integralmente o segredo da geração de Jesus. A cena representada

nas diversas artes no decorrer dos tempos é a que nos oferece, pois, São Lucas, capítulo 1, versículos 26-38.

Como trabalharemos com o texto das Homilias de Orígenes, traduzido para o latim por São Jerônimo, cremos que seja mais produtivo para este artigo reproduzir a narrativa de São Lucas da Anunciação em latim, mais que o original em grego, que colocaremos como anexo, para a apreciação dos leitores versados em grego, tanto quanto colocaremos também o fragmento do original grego de Orígenes correspondente ao fragmento da homilia que reproduziremos em latim. Eis o texto da narrativa:

In mense autem sexto, missus est angelus Gabriel a Deo in ciuitatem Galilaeae, cui nomen Nazareth, ad uirginem desponsatam uiro, cui nomen erat Ioseph, de domo Dauíd, et nomen uirginis Maria. Et ingressus angelus ad eam dixit: Aue gratia plena: Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus. Quae cum audisset, turbata est in sermone eius et cogitabat qualis esset ista salutatio. Et ait angelus ei: Ne timeas Maria, inuenisti enim gratiam apud Deum: ecce concipies in utero, et paries filium, et uocabis nomen eius Iesum: hic erit magnus, et Filius Altissimi uocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem Dauíd patris eius: et regnabit in domo Iacob in aeternum, et regni eius non erit finis. Dixit autem Maria ad angelum: Quomodo fiet istud, quoniam uirum non cognosco? Et respondens angelus dixit ei: Spiritus sanctus superueniet in te, et uirtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te sanctum, uocabitur Filius Dei. Et ecce Elisabeth cognata tua, et ipsa concepit filium in senectute sua: et hic mensis sextus est illi, quae uocatur sterilis: quia non erit impossibile apud Deum omne uerbum. Dixit autem Maria: Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum uerbum tuum. Et discessit ab illa angelus.⁴⁰

⁴⁰ No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontrei graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será

Aplicar-nos-emos a estudar as relações intertextuais e de definições de gênero dos textos da Homilia VI sobre São Lucas, de Orígenes, e do poema “Eu vi uma rosa”, de Manuel Bandeira. Os textos ou fragmentos de textos serão colocados como anexos, no final.

2. O gênero parenético na Homilia VI sobre São Lucas, de Orígenes

Como não foi possível localizar em alguma bibliografia especializada a definição do gênero parenético, sendo apenas possível localizar em dicionários a indicação de que se trata tão simplesmente de um discurso exortatório à virtude, sem maiores esclarecimentos, foi apresentada a necessidade de definirmos nós mesmos a natureza do gênero parenético a partir da observação dos textos que tínhamos em mira, no caso, as Homilias sobre São Lucas, as quais, como toda homilia, incita os expectadores à prática de virtudes cristãs, como a imitação das virtudes da Virgem Maria, que acolhe a vontade de Deus Pai, o Criador, de gerar, por obra e ação do Espírito Santo, a Jesus, que veio salvar e resgatar do pecado os homens e reconduzi-los à vida eterna. Pela imitação do acatamento da vontade divina por parte de Maria, que se colocou como serva do Pai Eterno, o cristão aprende que deve estar aberto a acolher as mudanças que se apresentam como novidades trazidas pela vida e pela existência, como uma possibilidade sempre

grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim. Maria, porém, disse ao Anjo: “Como vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” O anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível. Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” E o anjo a deixou. (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985).

presente, desafiando nossas economias e previsibilidade, fatores desejáveis como instância de conforto e bem-estar.

Sobre esse ponto de vista, de estar aberto a mudanças e a projetar-se na existência como ser vivente e atuante segundo a vontade divina, é necessário estar preparado para receber as novidades que a existência humana sempre nos traz a cada instante. Nesse contexto, a surpresa é uma atitude de quem está vivo diante do espetáculo da existência, não apenas como expectador, mas como sujeito de suas ações, de seus atos e palavras. É nesse contexto que situamos Maria, a virgem de Nazaré, noiva de José, que misteriosamente gerou sem o concurso de parceiro masculino a Jesus, apenas por obra do Espírito Santo.

Criada na cultura judaica e habituada à leitura e meditação cotidiana da Sagrada Escritura, jamais encontrou em parte alguma dos textos sagrados a saudação ouvida em um momento místico e único, do arcanjo Gabriel: *Aue, gratia plena*⁴¹. Se tivesse lido em alguma parte alguma saudação similar, talvez não tivesse tido a surpresa que teve ao ouvir tal saudação. Pois em nenhuma outra parte, a nenhum outro homem judeu, que tenha se celebrizado na cultura judaica, fora dirigida esta saudação, nunca havia lido *Aue, gratia plene*⁴², daí o estranhamento e o receio que causaram na fragilidade humana de Maria, que não poderia imaginar que uma missão de tal envergadura, a de pôr no mundo o Salvador da humanidade, lhe era confiada pelo anúncio que lhe trazia o anjo Gabriel com as palavras de que daria à luz ninguém menos que Cristo.

É comum na Sagrada Escritura o temor diante da aparição dos anjos, é comum que os anjos digam aos personagens

⁴¹ "Salve, cheia de graça".

⁴² "Salve, cheio de graça".

que venham visitar que não tenham medo⁴³. Disso, é possível inferir que os anjos devem ter uma aparência terrível ou medonha, pelo que causam aos personagens visitados. Nesse sentido diz Orígenes, na sexta homilia de que falamos, que a saudação do anjo não teria atemorizado a Maria, se, pelo menos, a tivesse ouvido alguma vez na Sagrada Escritura. Mas só a ela essa saudação é dirigida, pela única vez na vida do Universo, ela se encontra sozinha diante das palavras misteriosas do arcanjo Gabriel, o arcanjo que traz as novas de Deus Pai, Criador do Universo. Deste modo, se exprime Orígenes:

*Numquam quasi peregrina eam salutatio terruisset. Propter quod loquitur ei angelus: ne timeas, Maria, inuenisti enim gratiam coram Deo. Ecce concipies in utero, et paries filium, et uocabis nomen eius Iesum. Hic erit magnus et Filius Altissimi uocabitur.*⁴⁴

Na introdução da edição francesa das Homilias sobre São Lucas (ORÍGENES, 1998, p. 11-92), os editores Crouzel, Fournier e Périchon fazem um estudo sobre a excelência de Orígenes em seu conhecimento de Mariologia. O fato de Maria ser a escolhida para ser a mãe de Jesus, na ocasião de seu noivado com José, o carpinteiro, protege-a contra a suspeita de adultério, o que poderia redundar em pena de apedrejamento pelas instâncias da Lei de Moisés. O fato de José tê-la acolhido, atendendo ao pedido do arcanjo, fez passar à opinião pública a atribuição da paternidade de Jesus a José, esposo de Maria, conforme nos atesta a leitura do Evangelho de São Mateus.

⁴³ Como no livro de Tobias, em que, à aparição do arcanjo Rafael, arcanjo da cura, “ficaram ambos (Tobias e Tobit) cheios de espanto e caíram com a face em terra, com grande temor. Mas ele lhes disse: ‘Não tenhais medo; a paz esteja convosco! Bendizei a Deus para sempre...’” (Tobias, 12, 16-17).

⁴⁴ “Nunca a saudação a teria atemorizado como se fosse estranha. É por isto que o anjo lhe diz: ‘não temas, Maria, achaste, pois, graça junto a Deus. Eis que conceberás em teu útero, e darás à luz um filho e o chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo’.”

No mesmo estudo introdutório, os supracitados editores sustentam, a partir da heresia de judeus e pagãos, a suspeita de que Jesus não havia sido fruto de uma concepção virginal, e sim que Jesus era fruto de relações impuras. A heresia adversária da concepção virginal, à qual Orígenes responde com uma polêmica (*Contra Celso*)⁴⁵ sustenta que Jesus fora gerado pela união de Maria com um soldado romano de nome Pantheras. Nesta versão, tal soldado seria o responsável pela paternidade de Jesus e Maria era uma mulher do povo, que vivia do trabalho de suas mãos, em uma aldeia judaica. Tendo sido repudiada por José, dá à luz Jesus às escondidas. Este último aprendeu truques mágicos no Egito, vindo depois, em sua vida pública, realizar os milagres relatados nos Evangelhos, sobretudo São Marcos. Este breve comentário retrata o quanto a concepção virginal foi tema de debates e heresias na época de Orígenes, no século III d.C.

Apenas o lugar ocupado por Jesus na história da humanidade é capaz de mensurar a dimensão do momento vivido por Maria. A virtude de Maria reside no fato de ter aceitado, apesar do receio, o papel da maternidade divina. Em Jesus se encerra o segredo de todo o universo, da natureza, e da vida. Ao conceber a Jesus, Maria recebe a missão da maternidade, que é grandiosa, pois desafia todas as economias e previsões que possamos ter em mente para a condução da existência. Nesse sentido, podemos avaliar seu medo diante do anúncio do arcanjo. Não é banal, nem trivial o mistério da maternidade, tanto quanto maior é o desafio de gerar o Filho de Deus e, a partir da concepção, educá-lo para a sua missão única na história do mundo.

⁴⁵ *Contra Celso*, I, 28, GCS 79, 20. (GSC é a abreviatura de *Die Griechischen Christlichen Schriftsteller*, de Leipzig, citado pelos editores Crouzel, Fournier e Périchon, na introdução da edição francesa das Homilias sobre São Lucas, de Orígenes, p. 26).

Como gênero literário, o parenético do texto analisado, como exortação à virtude, reside, pois, no fato de ter aceitado, apesar do grande receio, ser a geradora do Filho de Deus. Sem essa aceitação, o mundo talvez não teria conhecido a Jesus. A virtude de Maria é aquela que a faz dizer: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum uerbum tuum*⁴⁶.

Por outro lado, não enfatizamos o aspecto intertextual de Orígenes, em sua apropriação da narrativa citada por São Lucas, pois tal aspecto chega a cegar pela evidente ocorrência de apropriação, e o aspecto de persuasão é forte o bastante para convencer da certeza da virtude que se quer incutir.

3. O gênero lírico no poema “Eu vi uma rosa”, de Manuel Bandeira.

Manuel Bandeira, que se autointitulava “O poeta menor”, brasileiro nascido em Recife (PE), a 19 de abril de 1886, publicou o poema “Eu vi uma rosa” na coletânea *Lira dos Cinquent’Anos*, em 1940⁴⁷. Admirado e aclamado poeta modernista, Manuel Bandeira, em seus poemas, esmera-se pela inspiração lírica e nos traz no poema “Eu vi uma rosa” uma evocação bela e singela da cena da Anunciação.

A poesia lírica é tradicional na literatura de todos os tempos. Assim chamada por ser originalmente composta de poemas a serem entoados ao som da lira, cítara ou flauta e acompanhadas de dança, na Grécia teve vários representantes como Calino, Arquíloco, Tirteu, Mimnermo, Sólon, Teógnis, Focílídio, Alceu, Safo, Anacreonte, dentre outros. Em Roma, temos Catulo, Horácio, Ambrósio, Prudêncio, Boécio, Calpúrnio, Nemesiano, Tibulo, Propércio, Ovídio, Maximiano, dentre

⁴⁶ “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!”

⁴⁷ Aqui utilizaremos a edição de 1980, com o título de *Estrela da vida inteira*, p. 163-164.

outros. A partir do legado greco-latino, a literatura ocidental deu continuidade a essa tradição nas múltiplas literaturas modernas posteriores. Não nos alongaremos no aspecto histórico da poesia lírica senão para situar esse velho gênero literário.

Segundo definição de Emil Staiger (1997, p. 19-75), na obra *Conceitos Fundamentais da Poética*, o gênero lírico consiste na evocação de lembranças e recordações, à qual se aliam a musicalidade dos textos recitados, a reiteração dos sons que se repetem em rima, quando essas existem, a repetição de vocábulos que integram a construção de um ritmo e o eventual acompanhamento de instrumentos musicais (como é o caso da música popular brasileira, só para citar um exemplo). Segundo Staiger, todo poema lírico é um texto que fala diretamente à afetividade e à alma do leitor, e considera o teórico que há a necessidade para a sua fruição, por parte do leitor, de identificação com a “disposição anímica” (*Stimmung*) do autor ao escrever o poema. E que, diferentemente da poesia épica, em que o “quando, onde, quem terão que estar mais ou menos esclarecidos antes de iniciar-se” (STAIGER, 1997, p. 46), a poesia lírica pode prescindir dessas conexões lógicas, ressaltando apenas, pelo texto, sua fundamentação.

Passemos à leitura do texto “Eu vi uma rosa”:

Eu vi uma rosa
– Uma rosa branca -
Sozinha no galho
No galho? Sozinha
No jardim, na rua.

Sozinha no mundo.

Em torno, no entanto,
Ao sol de meio-dia
Toda a natureza
Em formas e cores
E sons esplendia.

Tudo isso era excesso.

A graça essencial
Mistério inefável
– Sobrenatural -
Da vida e do mundo,
Estava ali na rosa
Sozinha no galho.

Sozinha no tempo.

Tão pura e modesta,
Tão perto do chão
Tão longe na glória
Da mística altura,
Dir-se-ia que ouvisse
Do arcanjo invisível
As palavras santas
De outra Anunciação.

Passemos à sua análise. A definição de quem possa ser o eu-poético é o pronome “eu” que dá abertura ao poema. Essa definição contrasta com a indefinição que ocorre na última estrofe, quando aparece o índice de sujeito indeterminado “se” em “Dir-se-ia”. Contrariamente ao vazio criado pelo pronome “eu” e o pronome “se”, há índices que nos remetem inequivocamente à figura de Maria, como a menção às palavras do arcanjo que não se pode ver, e a menção à Anunciação. Concentrando-nos na determinação versus definição e presença, ainda que por mera evocação, já que se trata de “outra Anunciação”, não a de Maria, somos convidados ao exercício da dúvida pelo fato de que a Anunciação é lembrada com o uso de uma letra maiúscula, o que nos faz crer que a intenção do poeta é evocar a figura singular de Maria, em oposição a um mundo de meros mortais, sem identidade e sem rosto, apenas observadores da flor solitária e comentadores do extraordinário evento narrado por São Lucas.

O poeta se detém a enunciar a solidão da rosa em reiteradas vezes, primeiramente no galho, em seguida no jardim, na rua, no mundo, no tempo, em contraste com a natureza que

existe ao redor, repleta de formas e cores e sons, que constitui um excesso. Efetivamente, há uma oposição entre a singularidade e a pluralidade na composição do poema.

Quando o poeta se concentra na observação da rosa, na quinta estrofe, ele se detém a enaltecer sua graça, seu mistério que não se traduz em palavras, presentes na rosa solitária no galho e no tempo. Mas na sexta estrofe, o poeta confere à rosa atributos que não são próprios da beleza reconhecida de uma rosa, como modéstia, humildade, distância na glória da mística altura, o que nos levaria a pensar em uma construção de uma metáfora para a figura de Maria. Mas o poeta é cauteloso quando emprega a construção “dir-se-ia”, que traduz um aspecto potencial da ação de dizer. Na verdade, todo comentário cai na condição de possibilidade, até de dúvida, já que a forma verbal pode ser substituída por “poderia ser dito” que a rosa ouvia as palavras do arcanjo, mas como se trata de “outra” Anunciação, não existe certeza sobre o que é dito.

Certos da impossibilidade de esgotarmos o conteúdo do poema em suas múltiplas facetas interpretativas, deixamos em aberto outras possíveis colocações sobre esse ensaio de leitura. A relação intertextual de Manuel Bandeira com o texto bíblico é meramente intertextual, uma vez que a apropriação realiza uma construção de tenuidade de elos semânticos, alterando a elevação própria à figura de Maria, na construção da metáfora da rosa, na qual o exercício da dúvida desempenha um papel decisivo na construção textual. O texto evoca a figura de Maria na cena da Anunciação, mas não oferece garantias próprias de um dogma religioso.

4. Conclusão

Com esta construção poética, não sabemos se demos conta de analisar, em todas as suas possibilidades, o poema de Manuel Bandeira, porque o gênero lírico é mais aberto a inter-

pretações do que uma homilia, em que a ordem da certeza é mais presente, até pelo fato de que a homilia é um gênero de retórica literária e tem como meta a persuasão dos fiéis à exposição do conteúdo religioso, enquanto o texto poético e, sobretudo, o poema analisado, não tem necessariamente a intenção de convencimento, mas de evocação e fruição estética. Neste sentido, este trabalho tem como resultado a colocação em contraste dos dois textos apresentados.

Desse modo, assistimos a dois momentos culturais da história cultural do Ocidente. O primeiro momento é característico da Antiguidade Tardia, quando o Cristianismo vivia sob forte impressão da figura de Jesus Cristo e de Maria, em que o legado retórico clássico veiculava a mensagem cristã com expressiva e contundente força, no processo da conversão das diversas camadas sociais existentes nessa época, em vários pontos geográficos. O segundo momento, o século XX no Brasil, traz-nos a novidade de uma leitura mais distanciada e, com isto, a novidade da sociedade secularizada do Modernismo, que propõe um distanciamento com relação ao legado judaico-cristão, sem que com isto se ignore tal legado e sua importância para a vida da social e cultural contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

BÍBLIA DE JERUSALÉM (A). São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1985.

BÍBLIA VULGATA. Madrid: BAC, 1946.

KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Coimbra: Armênio Amado, 1963, 2 vol.

MAGNE, A. *Princípios elementares de literatura*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.

MARTIN, R.; GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Éd. Nathan, 1993.

ORÍGENES. *Homélie sur Saint Luc*. Introduction, traduction et notes par Henri Crouzel, François Fournier, Pierre Périchon. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998.

RENAN, E. *Histoire des origines du christianisme*. 2 vol. Paris: Robert Laffont, 1995.

SALES, Bento. Análise do poema "Eu vi uma rosa" de Manuel Bandeira. *Literatura (folhas soltas)*. Disponível em: [URL:http://bentovsales.blogspot.com.br/2012/02/analise-do-poema-eu-vi-uma-rosa-de.html](http://bentovsales.blogspot.com.br/2012/02/analise-do-poema-eu-vi-uma-rosa-de.html).

STAIGER, E. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

THE GREEK NEW TESTAMENT. Edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger and Allen Wikgren. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

5. *Anexos*

5.1. **Transcrição do texto grego da Anunciação (São Lucas 1, 26-38):**

26 Ἐν δὲ τῷ μηνὶ τῷ ἕκτῳ ἀπεστάλη ὁ ἄγγελος Γαβριὴλ ἀπὸ τοῦ Θεοῦ εἰς πόλιν τῆς Γαλιλαίας ἣ ὄνομα Ναζαρέθ. 27 πρὸς παρθένον ἐμνηστευμένην ἀνδρὶ ᾧ ὄνομα Ἰωσήφ ἐξ οἴκου Δαυὶδ καὶ τὸ ὄνομα τῆς παρθένου Μαριάμ. 28. καὶ εἰσελθὼν πρὸς αὐτὴν εἶπεν, Χαίρε, κεχαριτωμένη, ὁ κύριος μετὰ σοῦ. 29. ἡ δὲ ἐπὶ τῷ λόγῳ διεταράχθη καὶ διελογίζετο ποταπὸς εἶη ὁ ἄσπασμὸς οὗτος. 30. καὶ εἶπεν ὁ ἄγγελος αὐτῇ, Μὴ φοβοῦ, Μαριάμ, εὖρες γὰρ χάριν παρὰ τῷ θεῷ. 31. καὶ ἰδοὺ συλλήμψῃ ἐν γαστρὶ καὶ τέξῃ υἱὸν καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰησοῦν. 32. οὗτος ἔσται μέγας καὶ υἱὸς ὑψίστου κληθήσεται καὶ δώσει αὐτῷ κύριος ὁ θεὸς τὸν θρόνον Δαυὶδ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ, 33. καὶ

βασιλεύσει ἐπὶ τὸν οἶκον Ἰακώβ εἰς τοὺς αἰῶνας καὶ τῆς βασιλείας αὐτοῦ οὐκ ἔσται τέλος. 34. εἶπεν δὲ Μαριάμ πρὸς τὸν ἄγγελον, Πῶς ἔσται τοῦτο, ἐπεὶ ἄνδρα οὐ γινώσκω; 35. καὶ ἀποκριθεὶς ὁ ἄγγελος εἶπεν αὐτῇ, Πνεῦμα ἅγιον ἐπελεύσεται ἐπὶ σὲ καὶ δύναμις ὑψισκιάσει σοι· διὸ καὶ τὸ γεννώμενον ἅγιον κληθήσεται υἱὸς θεοῦ. 36. καὶ ἰδοὺ Ἐλισάβετ ἡ συγγενὴς σου καὶ αὐτὴ συνείληφεν υἱὸν ἐν γήρει αὐτῆς καὶ οὗτος μὴν ἕκτος ἐστὶν αὐτῇ τῇ καλουμένῃ στείρα· 37. ὅτι οὐκ ἀδυνατήσῃ παρὰ τοῦ θεοῦ πᾶν ῥῆμα. 38. εἶπεν δὲ Μαριάμ. Ἴδου ἡ δούλη κυρίου· γένοιτό μοι κατὰ τὸ ῥῆμά σου. καὶ ἀπῆλθεν ἀπ' αὐτῆς ὁ ἄγγελος.

5.2. Transcrição do fragmento da Homilia VI, parágrafo sétimo, de Orígenes sobre São Lucas, em latim, referente à Anunciação:

Quia uero angelus nouo sermone Mariam salutauit, quem in omni scriptura inuenire non potui, et de hoc pauca dicenda sunt. Id enim quod ait: Aue, gratia plena, quod graece dicitur: κεχαριτωμένη, ubi in scripturis alibi legerim, non recordor, sed neque ad uirum istiusmodi sermo est: salue gratia plene. Soli Mariae haec salutatio seruabatur. Si enim scisset Maria et ad aliam quempiam similem factum esse sermonem – habebat quippe legis scientiam et erat sancta et prophetarum uaticinia cotidiana meditatione cognouerat – nunquam quasi peregrina eam salutatio terruisset. Propter quod loquitur ei angelus: ne timeas, Maria, inuenisti enim gratiam coram Deo. Ecce concipies in utero, et paries filium, et uocabis nomen eius Iesum. Hic erit magnus et Filius Altissimi uocabitur.

5.3. Transcrição do fragmento grego remanescente, referente ao parágrafo sétimo da Homilia VI de Orígenes sobre São Lucas:

a) Ἐπεὶ "ἐταράχθη" ζήτην ἰδοῦσα τὴν τοῦ ἀγγέλου ὄψιν, ἐπιστρέφει ἀπὸ τῆς ταραχῆς καὶ ἀνακτᾶται αὐτὴν αὐτὴν εἰπὼν "μὴ φοβοῦ Μαριάμ εὐρες γὰρ χάριν παρὰ τῷ θεῷ".

b) Τὸ μὲν οὖν "εὐρες χάριν" κοινὸν ἦν εὐρον γὰρ πρὸ αὐτῆς καὶ ἄλλαι χάριν τὸ δ' εἶπεῖν "συλλήψη" οὐκέτι κοινὸν ἦν, ἀλλ' ἰδιόζον εἰς ἐπαγγελίαν παρθένου.